



## De: Assata Shakur Para: Rede de Ciberativistas Negras

VIVIANE RODRIGUES GOMES<sup>1</sup>

### Resumo

Em 2017, uma reunião de mulheres negras atuantes na defesa dos seus direitos na Internet deu origem à Rede de Ciberativistas Negras. Organizadas em rede, firmaram um pacto em torno da defesa dos direitos das mulheres negras para desencadear ações rápidas, através do ciberativismo, bem como potencializar estratégias de comunicação desenvolvidas por mulheres negras que contestem narrativas racistas e sexistas nas redes sociais. As mulheres negras no Brasil são as mais vitimizadas pela mortalidade materna; as mais atacadas pela violência doméstica; maioria nos sistemas de privação de liberdade; são perseguidas nas redes sociais; são violentadas por sua condição sexual. São maioria no ensino médio, mas são as estudantes brancas que chegam à universidade. As mulheres negras contam com as ações afirmativas para ingressarem na universidade, mas, geralmente, sua remuneração é inferior à das mulheres brancas. Seus filhos e filhas formam o infeliz conjunto dos jovens mortos pela violência urbana: o abominável extermínio da juventude negra. Logo, considero a existência dessa rede imprescindível. Cada integrante desenvolve ações muito significativas em defesa das mulheres negras nos âmbitos on-line e off-line. Isso impacta no número de textos, mensagens, imagens, fotografias, ilustrações e vídeos que propõem uma contra-narrativa na Internet em favor das mulheres negras. No entanto, foram deflagradas poucas e tímidas ações, que não conseguem furar a bolha e provocar a interrupção de uma narrativa negativa. Essa proposta de ensaio, trabalha com um sonho e imagina um seminário com a militante do Partido Panteras Negras, Assata Shakur, e outros militantes e intelectuais, sobre redes, relações e afetos, segurança e estratégia para fortalecer a Rede de Ciberativistas Negras. Talvez não haja uma oposição entre agir e sonhar e quem sabe os sonhos possam “esboçar os contornos de renovações e começos mais plenos de consequências (Crary, 2014).

Palavras-chave: Assata Shakur; ciberativismo; militância; redes; tecnopolíticas.

### 1. Introdução "Assata me ensina"

Em 2017, a organização não-governamental Criola articulou uma reunião com defensoras dos direitos das mulheres negras na internet e deu origem à Rede de Ciberativistas Negras. A rede nasce no seio do projeto “Mulheres Negras Fortalecidas na Luta contra o Racismo e o Sexismo”. Já pertencentes a redes presenciais, as ativistas firmaram um pacto em torno da defesa dos direitos das mulheres negras na Internet, desencadeando ações rápidas de comunicação através do ciberativismo e potencializando estratégias de comunicação que contestem narrativas racistas e sexistas.

---

<sup>1</sup> É jornalista, pesquisadora do Pontão de Cultura Digital da Escola de Comunicação e mestranda da linha de pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: obaomode@riseup.net.

Composta por 80 mulheres, organizadas e distribuídas em 22 núcleos estaduais, a rede se propõe a visibilizar violações dos direitos das mulheres negras, respondendo à vulneração destas, provocando mudanças nas políticas públicas que afetam a vida delas e intensificando os processos participativos de formulação de políticas<sup>2</sup>.

De acordo com a plataforma “Violência contra as Mulheres em Dados”<sup>3</sup>, desenvolvida pelo Instituto Patrícia Galvão, três mulheres são vítimas de feminicídio por dia; uma mulher é estuprada a cada nove minutos; uma pessoa trans ou gênero-diversa é assassinada a cada dois dias; uma mulher registra agressão sob a Lei Maria da Penha a cada dois minutos. Analisados por raça/etnia, os dados mostram que a taxa de homicídios é maior entre as mulheres negras (5,3) do que entre as não negras (3,1) – uma diferença de 71%.

Mulheres negras vivem num mar de desigualdades. São as mais vitimizadas pela mortalidade materna, as que mais sofrem violência doméstica; são maioria no sistema de privação de liberdade. Também são maioria no ensino médio, mas são as estudantes brancas que lideram as aprovações e progridem em seus estudos, chegando às universidades. As mulheres negras contam com ações afirmativas para ingressar no ensino superior, mas, em geral, sua remuneração profissional é inferior à das mulheres brancas. Seus filhos formam o infeliz conjunto dos jovens mortos pela violência urbana: o abominável extermínio da juventude negra. Na Internet, são perseguidas por ‘haters’ que as agridem e desqualificam. Logo, consideramos imprescindível a existência de uma rede que se proponha a gerar produtos de comunicação que respondam de forma rápida às violações de direitos sofridas pelas mulheres negras na Internet.

É nosso dever lutar pela nossa liberdade.

É nosso dever vencer.

Nós temos que nos amar e nos ajudar

Nós não temos nada mais a perder do que nossas correntes. (SHAKUR, 1987: 52)

---

2 Criola, Oxfam, Embaixada Britânica, Ação Educativa, Fase, Ibase, Inesc, Instituto Pólis. (2017). Material de Apoio do 2º Encontro da Rede de Ciberativistas Negras [Brochure]. Rio de Janeiro, RJ: Author.

3 (n.d.). Retrieved July 4, 2019, from <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>

Esses versos de Assata Shakur dizem muito sobre ela. Falam sobre lutar pela liberdade, a força das pessoas negras, amor, solidariedade e do que fizeram de nós quando nos escravizaram. Assata (aquela que luta) Olugbala (pelo povo) Shakur (agradecida) é o nome liberto de JoAnne Deborah Byron, ex-militante do Partido Panteras Negras e do Exército de Libertação Negra.

## 2. Escravizada em Fuga

Shakur se vê como uma escravizada em fuga no século XX porque teve que sair do país em razão da perseguição do governo. Fugiu da repressão política, racismo e violência que dominava a política dos Estados Unidos a população negra (SHAKUR, 1984)<sup>4</sup>. Participou do movimento de libertação negra, estudantil e pelo fim da Guerra do Vietnã. É uma revolucionária, não é uma terrorista. Desde cedo percebeu o que estava em jogo e porque tinha que lutar. Na juventude ingressou em coletivos que realizavam eventos e grupos de estudo sobre a história do negro. Na fase adulta, exerceu sua militância, desenvolvendo estratégias de autodefesa, sobrevivência, políticas, educacionais, comunitárias e de comunicação (REED, 2017)<sup>5</sup>. Por isso, conversamos com a história dessa militante para colaborar com o do ciberativismo das mulheres negras. Em “Uma mensagem para minhas irmãs”, ela diz: *“Irmãs, nós temos que tomar o controle de nossas vidas e do nosso futuro em qualquer lugar que estejamos. E nós temos que nos organizar num corpo forte de mulheres Afrikanas”* (SHAKUR, 2015)<sup>6</sup>. Essa afirmação nos faz acreditar que, hoje, se Shakur pudesse exercer seu ativismo de forma plena, usaria estrategicamente as redes sociais, mas, para isso, as mulheres negras teriam que estar organizadas num corpo forte de mulheres Afrikanas. Essa dedução também nos leva a crer que Shakur seria uma pesquisadora sobre o que o corpo das mulheres negras representa na internet - uma rede criada e desenvolvida pelo governo norte-americano. Um governo que calou as vozes dos Panteras Negras infiltrando agentes, assassinando, prendendo, isolando seus membros e asfixiando sua contabilidade porque enxergou nele uma potência que se elevou contra a violência e a opressão sistemática a que estavam submetidos os negros nos Estados Unidos e, quiçá, no mundo.

---

4 Assata, S. (n.d.). An Open Letter From Assata. Retrieved July 4, 2019, from <http://s182466708.onlinehome.us/KevinsDir/2018/03/12/an-open-letter-from-assata>

5 REED, C. T. (n.d.). Assata Shakur, Always Welcome. Retrieved June 19, 2019, from <https://www.leftvoice.org/Assata-Shakur-Always-Welcome>

6 SHAKUR, A. (n.d.). Uma mensagem para minhas irmãs. Retrieved July 04, 2019, from <https://assatashakurpor.wordpress.com/cartas/uma-mensagem-para-minhas-irmas/>. Trad. Gilza Marques

### 3. Pedágio de Nova Jersey

Em 2013, três décadas depois de deixar os EUA, o FBI (Federal Bureau of Investigation) colocou Assata Shakur na lista dos 10 terroristas mais procurados pelo país. Em entrevista ao Democracy Now<sup>7</sup>, Angela Davis diz que a medida foi um ataque a Assata Shakur e reflete a lógica do terrorismo do Estado feito para criar o medo em jovens ativistas que lutam para levar o país a uma mudança radical. Com Davis nessa entrevista, o advogado de Shakur, desde os anos 1970, Lenox Hinds, explica que Assata Shakur foi alvo de uma perseguição empreendida pelo então presidente dos EUA, J. Edgar Hoover, e de um programa do FBI, chamado COINTELPRO<sup>8</sup>.

Em 1973, Assata Shakur, Zaid Shakur e Sundiata Acoli estavam num carro em que foi parado no pedágio de Nova Jersey. Houve um desentendimento na abordagem e começou um tiroteio. Zaid Shakur foi morto e Sundiata Acoli, preso. Um policial ficou ferido e outro foi morto. Lenox Hinds conta que Shakur foi alvejada duas vezes, pelas costas, quando estava sentada no banco de trás do carro com as mãos levantadas em rendição. A primeira bala esfaqueou sua clavícula e a segunda, o nervo médio de sua mão direita. Três neurologistas testemunharam afirmando que Assata Shakur não teria condições físicas de atirar. Além disso, não foram encontrados resíduos de pólvora em suas mãos, sequer suas digitais foram encontradas nas armas do crime. Mesmo assim, foi acusada e condenada a prisão perpétua pelo assassinato do policial.

No hospital, foi colocada ao lado do corpo de Zaid Shakur. Depois, foi acorrentada à cama. Foi torturada, física e mentalmente. Quando as enfermeiras perguntaram seu nome, colocou em prática sua primeira estratégia de sobrevivência: o silêncio. Shakur decidiu não revelar sua identidade porque tinha a certeza de que seria morta (SHAKUR, 2016).

Durante algum tempo, não teve direito a advogado. Quando teve, o tempo foi limitado a cinco minutos. Depois da recuperação, foi colocada num presídio masculino, sendo vigiada 24 horas por homens que monitoravam suas necessidades pessoais. Foi confinada, com luzes ligadas dia e noite, por dois anos. Sua defesa conseguiu na Justiça sua mudança para um presídio feminino. Lá, pouca coisa mudou. Shakur sequer podia se exercitar dentro da cela para tentar recuperar os movimentos

---

7 GOODMAN, A., & GONZÁLEZ, J. (2013, May 3). Angela Davis and Assata Shakur's Lawyer Denounce FBI's Adding of Exiled Activist to Terrorists List. Retrieved June 18, 2019, from [https://www.democracynow.org/2013/5/3/angela\\_davis\\_and\\_assata\\_shakurs\\_lawyer?autostart=true](https://www.democracynow.org/2013/5/3/angela_davis_and_assata_shakurs_lawyer?autostart=true)

8 (n.d.). Retrieved July 4, 2019, from <https://en.wikipedia.org/wiki/COINTELPRO>. O Counter Intelligence Program (1965-1971) tinha o objetivo de vigiar, infiltrar, desacreditar e perturbar as organizações políticas consideradas subversivas incluindo a nova esquerda, grupos feministas, ambientalistas, dos direitos dos animais, movimentos contra a Guerra do Vietnã, pelos direitos civis. Queriam neutralizar Martin Luther King Jr., a Nação do Islã, o Partido Panteras Negras, o movimento Black Power, o dos Índios Americanos e de independência de Porto Rico.

do braço. Todas as suas apelações foram negadas. Por fim, fugiu da penitenciária com amparo de sua rede. Foi recebida em exílio político por Fidel Castro, em Cuba, e desde então é considerada foragida pelo FBI, que oferece um milhão de dólares por informações que levem à sua prisão<sup>9</sup>.

#### **4. Controle, poder, saber**

O professor João Costa Vargas<sup>10</sup> diz que o Estado é eficaz em calar vozes que se levantam contra seu controle, sendo extremamente violento contra quem tem uma opinião diferente da dele. Assata Shakur é uma prova recente da força que um Estado pode empreender na tentativa de transformar pessoas em corpos dóceis que aceitam naturalmente a ordem social vigente.

Na obra *Ditos e Escritos*, Michel Foucault mostrou formas de estabelecimento de relações de poder e mecanismos de poder que o Estado Moderno usa para manter os corpos dos indivíduos sob seu controle, vigilância, conformação, reeducação e correção. Para ele, o campo das relações é limitado pela sociedade e pelas instituições (família, escolas, hospitais, universidades, fábricas, prisões) que a compõem. Dizia que a lógica dos Estados é uma lógica binária: criança ou adulto, homem ou mulher, rico ou pobre, doente ou são. Corpos organizados têm essa lógica fechada para que possam cumprir funções igualmente fechadas, determinadas. Esse corpo, portanto, pode fazer isso e aquele corpo só pode fazer aquilo.

Em “A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”, Foucault explica que ‘poder’, para ele, são relações de poder. Estão nas instituições que compõem a sociedade, mas também em todas as relações humanas. Foucault diz que relações de poder só se dão em liberdade. Mesmo que as relações sejam desequilibradas é preciso haver um mínimo grau de liberdade para que surja a resistência. O exercício de poder sem liberdade é dominação e todas as estratégias de resistência devem se concentrar em fazer com que as relações de poder não se tornem relações de dominação.

De acordo com Foucault, uma das formas de derrotar o poder é o saber. Assata Shakur captou isso. Estudou a vida de revolucionários, desde negros abolicionistas de seu país a maoístas chineses, passando por libertários portorriquenhos e revolucionários africanos. Entendeu que a opressão não era apenas uma questão racial, também era econômica. Sem mudança nesse campo, colonialistas brancos seriam simplesmente substituídos por colonialistas pretos. *“Não há um movimento de*

---

9 (n.d.). Retrieved August 30, 2019, from [http://www.fbi.gov/wanted/wanted\\_terrorists/joanne-deborah-chesimard](http://www.fbi.gov/wanted/wanted_terrorists/joanne-deborah-chesimard).

10 VARGAS, J. C. (2018, July 16). Lecture presented at Diáspora Africana e as Questões Políticas nas Américas in Brasil, Rio de Janeiro. Promoted by Criola and University of California – UC/ Riverside

*libertação no mundo que tenha lutado pelo capitalismo. (...) É por isso que você tem pretos apoiando Nixon ou Reagan ou outros conservadores” (SHAKUR, 1988).*

Shakur não acreditava que o socialismo resolveria os problemas da libertação negra, como muitos revolucionários negros. *“Eu estava disposta a aprender tudo o que eu podia com eles, mas eu, com certeza, não estava disposta a aceitá-los como líderes da luta pela Libertação Preta”*, disse (SHAKUR, 1988). Nah Dove, no artigo, *“Uma crítica afrocentrada à lógica de Marx”*, afirma que o marxismo oferece um quadro conceitual e crítico sobre o capitalismo, colocando-o como autor das desigualdades sociais baseadas na exploração econômica. Contudo, a autora argumenta que a força motivadora para a mudança social, em resposta ao capitalismo, seria a cultura e não a dialética de classe. Dove reconhece que o marxismo é *“uma teoria de resistência que propõe um modelo alternativo à organização social capitalista”*, articulando exploração (classe), resistência (revolução) e libertação (socialismo), mas para ser aplicada como resposta à exploração capitalista dos povos africanos, é necessário que seja analisada por uma lente através da qual seja possível ver o valor da humanidade africana e sua contribuição cultural para a civilização mundial. (DOVE, 1995: 1-3)

Por isso, educação era central para Shakur. Quando se aproximou do Partido Panteras Negras desenvolveu métodos pedagógicos que uniram ação comunitária e aprendizagem radical de resistência e enfrentamento à brutalidade policial. Teve papel destacado em um dos principais programas dos Panteras Negras *“O Café da Manhã para Crianças”*, durante os quais, as mulheres do partido desenvolviam estratégias que desafiavam o capitalismo, o racismo e o patriarcado (KELLEY e ESCHE, 2018: 53). *“Uma vez que você entende algo sobre a história de um povo, seus heróis, suas dificuldades e sacrifícios, é mais fácil lutar com eles, apoiar sua luta”*, dizia (SHAKUR, 1988).

## **5. Panteras Negras**

O Partido dos Panteras Negras funcionou de 1966 a 1982. Tinha como premissa a libertação dos povos oprimidos do colonialismo e do imperialismo a partir do marxismo. Centralizado em responder e enfrentar a violência policial, uma das suas estratégias de ação era o monitoramento da polícia; a obstrução e denúncia da violência dos órgãos de segurança e a intimidação e denúncia de racistas e de infratores dos direitos civis, com boicotes e mobilizações públicas. Os membros do partido realizavam essas ações armados – o que era permitido pelo estado da Califórnia desde que as armas estivessem expostas e fora de posição de tiro. Também era permitido acompanhar operações policiais, desde que mantida a distância (CHAVES, 2015: 359).

Para Shakur, a intimidação era necessária para conter a violência policial nas abordagens de negros, mas para ela, o conhecimento sobre a história do negro e um programa sistemático de educação política eram fundamentais. A ausência desses elementos, de maneira estrutural, acabou por provocar sua desvinculação do partido.

## 6. Exército de Libertação Negra

Migrou para o Exército de Libertação Negra (BLA, do original, em inglês, Black Liberation Army), que permaneceu em atividade de 1971 a 1981. Era uma organização armada, marxista, que lutou em prol do nacionalismo negro, com o estabelecimento da República da Nova África, localizada na área dos estados de Louisiana, Mississippi, Alabama, Geórgia e Carolina do Sul, além de cidades adjacentes habitadas por maioria negra. (KELLEY e ESCHE, 2018: 37)

Quando ingressou no BLA, percebeu que era formado por diversas organizações, grupos e coletivos que atuavam de forma independente e sem uma linha de comando. Observou que a inexperiência e a desorganização fazia o grupo perder força e, por isso, defendia treinamento sistemático para que todos da rede tivessem níveis de consciência política mais próximos. Shakur dizia que o fato de haver ali pessoas comprometidas, inteligentes e corajosas não era suficiente para garantir a vitória sobre a opressão. Acreditava que a vitória dependia de uma ideologia geral e uma estratégia gerada por uma análise da história e das condições presentes. Seu desafio era como transformar essas pessoas num corpo de luta pela libertação dos negros. (SHAKUR, 1988)

## 7. Internet

O cuidado que Shakur tinha (e ainda tem) com suas ações e relações nos leva a acreditar que seria estendido para a internet. Ela conheceria sua toda história para avaliar o que representa para as mulheres negras estar nesse ambiente.

Saberia que a rede mundial de computadores surgiu em 1969. Era governada pelas Forças Armadas dos Estados Unidos e chamada Arpanet. Em 1983, os militares criaram a MilNet e deixaram a rede anterior para a comunidade científica. Em 1984, a rede foi nomeada Protocolo Internet. Teria percebido que a Internet nasceu uma máquina de guerra, mas *“foi tomada de assalto por micropolíticas estranhas, fazendo da rede um meio de vida e uma máquina de cooperação social”* (MALINI e ANTOUN, 2013: 17).

Acreditamos que Shakur teria criticado a globalização da economia por mudar radicalmente o paradigma dos meios de produção, do trabalho, do consumo, das comunicações e da tecnologia. Desconfiamos que concordaria com Michael Hardt e Antonio Negri, que, em Bem-estar Comum,

defendem que a chave para entender a produção econômica contemporânea é o comum, tanto como força produtiva quanto como a forma pela qual a riqueza é produzida. Talvez, assim como os autores, dissesse que nesse ambiente de rede, é fundamental que haja conhecimentos comuns, códigos comuns, circuitos comuns de comunicação para a criatividade e o crescimento. (HARDT e NEGRI, 2016)

### **8. Militância no Ciberespaço**

No ciberespaço, teria visto que a militância começou com as listas de discussão que concentravam informações vazadas sobre a situação social de determinado local e eram fontes de informação/denúncia para jornalistas. Através das listas, grupos ambientalistas, feministas, militantes de movimentos sociais, de homossexuais, políticos e estudantes articularam ações de militância. Malini e Antoun apresentam dois tipos de midialivistas: de massa e o ciberativista. O primeiro reunia experiências de movimentos sociais organizados que produziam mídias comunitárias e populares, afirmadas como práticas da sociedade civil. O outro coletava informações sobre o desenvolvimento de dispositivos digitais, tecnologias e processos de comunicação compartilhada, a partir da colaboração social em rede e da informática, alinhado a valores de produção livre, sem hierarquia. Os dois buscavam fortalecer a luta antidisciplinar, sendo que o de massa visava o fim do poder concentrador dos meios de comunicação e o ciberativista queria radicalizar direitos, principalmente, a liberdade de expressão. Ficaria empolgada com a transformação da internet num dispositivo para defesa de direitos, em particular, à expressão; à fala. (MALINI E ANTOUN, op. Cit.: 19) E finalmente, teria visto o ciberativismo se fortalecer com ações e mobilizações coletivas distribuídas em rede.

### **9. Estratégias de comunicação**

Depois de identificada no hospital, Shakur usou a estratégia de divulgação, contando seu percurso para sua advogada. A declaração foi gravada e transmitida nas rádios de todo o país, o que fez crescer uma onda de manifestações a favor da luta antirracista, contra sua prisão e pela manutenção de sua vida. Em tempos de memética, diríamos que a declaração viralizou.

Shakur viu que os Panteras Negras conseguiram um rápido crescimento e aceitação popular porque souberam tirar proveito do conhecimento sobre o funcionamento das mídias. Os Panteras tinham jornais, revistas e trabalhavam com arte e estética para defender suas causas. Ela lembra que os Panteras sempre performavam e chamavam fotógrafos e jornalistas quando realizavam ações ou cumpriam alguma agenda. No BLA, sentiu falta dessa compreensão porque a mídia se referia a seus



membros como monstros e terroristas. Tinha nítido o quanto era importante conquistar as mentes e os corações da população negra.

No Brasil, Sueli Carneiro diz que os meios de comunicação se constituem num espaço de interferência e agendamento de políticas do movimento de mulheres negras (CARNEIRO, 2003: 125).

"As mulheres negras vêm atuando no sentido de não apenas mudar a lógica de representação dos meios de comunicação de massa, como também de capacitar suas lideranças para o trato com as novas tecnologias de informação, pois a falta de poder dos grupos historicamente marginalizados para controlar e construir sua própria representação possibilita a crescente veiculação de estereótipos e distorções pelas mídias, eletrônicas ou impressas" (CARNEIRO, 2003: 126).

Destaca-se a importância da mídia (jornal, revista, rádio e tv) e da internet para ecoar as vozes das mulheres negras, denunciando a discriminação racial, o mito da democracia racial e as violências contra a mulher negra. Ao mesmo tempo, disseminando informações positivas sobre a identidade racial negra, compromisso com a agenda democrática, justiça social e a luta antirracista.

#### **10. Falar sobre o quê?**

As mulheres negras que vocalizam na internet nossos anseios e as necessidades recebem o legado de vozes e estéticas do movimento negro que se fizeram ouvir e ver na década de 1990. Eram vozes e corpos de lideranças femininas e feministas da negritude que surgiam nos movimentos religiosos, autônomos, sindical e cultural. Uma década depois, as temáticas do racismo e da discriminação se consolidaram como pautas internacionais no processo preparatório para a III Conferência Mundial contra o Racismo e a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. (CARNEIRO, 2001, apud REIS: 2) De acordo com REIS, esse movimento fez multiplicar o número de redes e organizações como, por exemplo, a Articulação de Organizações de Mulheres Negras (AMNB), fundada em 2000.

Ecoaram vozes como a de Lélia Gonzalez que, nos anos 80, desenvolveu uma série de reflexões sobre a democracia racial brasileira para denunciar o quanto esse mito contribuiu para a manutenção das relações de exploração vividas pelas mulheres negras. Cunhou o conceito de Amefrikanidade e "disse que era preciso recuperar a história de resistência e luta dos povos colonizados para começar a contar uma outra narrativa que permita aos homens e mulheres negros em diáspora nas Américas se afastarem das interpretações construídas a partir do pensamento europeu" (CARDOSO, 2014).

O psiquiatra Franz Fanon, no livro "Pele Negra, Máscaras Brancas", expõe o impactante resultado da construção da subjetividade das pessoas negras no devir da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Quando se confrontou, entre outras coisas, com frases como "Mamãe, o preto vai me comer", o antilhano recém-chegado à França, diante da recusa do outro em reconhecê-lo, diz que

não havia outra possibilidade senão fazer-se conhecer e se afirmar como negro. Fanon explica que o arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. *“O negro é símbolo do mal e do feio. Cotidianamente, o branco coloca em ação essa lógica”* (FANON, 2008: 154). Para ele, a única opção é a luta.

Claudia Pons Cardoso explica que as ideias de Fanon sobre a alienação resultante da relação entre colonizador e colonizado – sendo o primeiro identificado como “herdeiro legítimo de valores civilizatórios universalistas” e o segundo como “selvagem e primitivo, despossuído de legado merecedor de ser transmitido” (CARDOSO, 2014) – foram importantes para que Lélia Gonzalez desenvolvesse suas reflexões sobre a democracia racial brasileira.

Tanto Gonzalez quanto Shakur utilizam muitos símbolos para dar nitidez à recusa da adoção de uma cultura colonizadora. Elas subvertem a linguagem e seus códigos para questionar a base da construção das reivindicações do povo negro em diáspora.

Imagine o sonho que a população negra teve quando o uso da internet prometia um espaço neutro para debates; poupar milhares de árvores com economia de papel; possibilidade de trabalhar e estudar sem sair de casa; que todos teriam voz; que encontraríamos aquela alma gêmea para a vida inteira ou aquele parente distante, separado de nós pelo fluxo migratório de um mundo que insiste em abrigar a miséria, a fome, a violência, os privilégios e a falta de oportunidades.

### 11. “Cumé que a gente fica?”

“Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente prá uma festa deles, dizendo que era prá gente também. Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até prá sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. (...) Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles (...) Tinham chamado ela prá responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa prá falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. (...) Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone prá falar contra os brancos. E a festa acabou em briga... (...) Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. (...) Não é a toa que eles vivem dizendo que ‘preto quando não caga na entrada, caga na saída’” (GONZALEZ, 1984)

Temos muito para nos queixar e a internet oferecia um espaço “neutro” não só para acolher, mas também para ampliar nossas vozes e provocar um debate racial consistente. Entramos com força total: ocupamos as redes sociais e expusemos nossas vidas e fizemos nossas críticas sem cuidado, como se não houvesse amanhã. O amanhã veio e cobrou um preço alto. Racistas, xenófobos, misóginos e transfóbicos chamaram nossas reivindicações de “mi-mi-mi” e fizeram das mulheres negras alvo preferencial de seus ataques nas redes sociais com a crença de que “o que acontece na

Internet fica na Internet”. Legisladores foram impelidos por movimentos sociais a se movimentar para proteger a população. Porém, o estrago já havia sido feito. Adoecimento mental e físico, xingamentos, exposição, perseguição levaram a evasão de perfis e páginas, bloqueios, restrições.

No livro *Cibercultura*, Pierre Lévy disse que a questão é que o ciberespaço não ia milagrosamente resolver os problemas sociais e econômicos contemporâneos. Pra ele, a melhor saída era acompanhar as transformações, participar do movimento e aproveitar as oportunidades. Dizia ser necessário viver e compreender não apenas esse território, mas o que se pretende fazer nele. (LÉVY, 1999: 218)

Assim, surgiram algumas resistências e respostas: a ONG SaferNet<sup>11</sup> montou um serviço de denúncias de crimes na internet. Desde 2007, foram contabilizadas 4 milhões de denúncias. Os cinco crimes mais denunciados são: pornografia infantil, apologia e incitação de crimes contra a vida, racismo, intolerância religiosa e maus tratos contra animais. MariaLab, Blogueiras Negras, Universidade Livre Feminista e CFEMEA organizaram a Guia Prática de Estratégias e Técnicas para a Segurança Digital Feminista<sup>12</sup> para oferecer às mulheres um ambiente de autonomia e segurança. A Coding Rights também representa uma resistência ao trabalhar com exposição e correção dos desequilíbrios de poder embutidos na tecnologia<sup>13</sup>. Assim como o livro, “Internet em Código Feminino” que enfatiza a necessidade de entendimento dos códigos tecnológicos.<sup>14</sup>

## 12. Vigilância e controle biométrico

No livro *24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*, Jonathan Crary diz que, na sociedade em rede, colaboramos, mesmo involuntária e passivamente, com a nossa vigilância, oferecendo nossos dados ao sistema. Cada vez mais distante de qualquer separação binária entre real e virtual, entre off-line e on-line, “*compramos produtos que nos foram recomendados pelo monitoramento de nossas vidas eletrônicas e voluntariamente deixamos feedbacks para outros a respeito do que compramos. Somos o sujeito obediente que se submete a todas as formas de invasão biométrica e de vigilância*”. (CRARY, 2014: 48)

Para Crary, o capitalismo 24/7 estimula a individualidade e desenvolve estratégias ardilosas para pulverizar tudo se refere a comunidade, apoio mútuo, cooperativo e compartilhamento. Para Shakur,

---

11 Denuncie. (n.d.). Retrieved July 4, 2019, from <https://new.safernet.org.br/denuncie>.

12 DORDEVIC, J., & SHIRAKAWA, F. (2017). Guia Prática de Estratégias e Técnicas para a Segurança Digital Feminista. Retrieved from <https://feminismo.org.br/guia/guia-pratica-seguranca-cfemea.pdf>

13 Coding Rights. (n.d.). Retrieved from <https://www.codingrights.org/about/>

14 NATANSOHN, L. G., Org. (2013). Internet em código feminino. Teorias e práticas (1ª ed., E-book) [Em português revista e ampliada]. Buenos Aires, AR: La Crujía. Retrieved July 4, 2019, from <http://gigaufba.net/internet-em-codigo-feminino/>

estes são valores que conversam com a importância das mulheres nas comunidades. De acordo com a ativista, as mulheres são a espinha dorsal de suas comunidades e das nações, sendo as mais habilitadas a construir unidades familiares fortes, baseadas em amor e luta. Shakur defende que mulheres negras são astutas, sabem o que é unidade e irmandade porque se ajudam nos momentos difíceis.

A verdade é que não temos sido gentis umas com as outras e isso tem nos afastado e prejudicado nossa unidade. Atenta, a professora Nilma Lino Gomes disse, numa palestra, que não fizéssemos nada sozinhas porque

“...o poder atual é muito forte e está rearticulado. Ele está rearranjado. Nós, nas nossas estratégias de luta, temos que nos articular porque a sabedoria ancestral está justamente na luta coletiva. Os quilombos não eram lutas de um só, eram de coletividade. As lutas nas senzalas não eram construídas por um só. Elas eram construídas por articulações, coletivas e muitas vezes silenciosas” (GOMES, 2018)<sup>15</sup>.

González diz que as mulheres negras intervêm ativamente na condição dos seus destinos e deixam como legado para as gerações futuras a experiência do enfrentamento do racismo e do sexismo, “o que significa que a luta contra essas opressões apresenta um caminho longo já trilhado” (CARDOSO, 2014: 982).

### **13. Visualidades e Contravisualidades**

Ivana Bentes, em aula sobre dispositivos de autopercepção, lembrou que o GPS torna possível monitorar, encontrar, rastrear qualquer ponto sobre a Terra a partir de um ‘smatphone’, sem precisar estar conectado à internet. O GPS está embarcado no drone, dispositivo de visualização para reconhecimento de territórios. Recentemente, armas letais também estão sendo embarcadas no drone. “Isso transforma o drone numa arma distinta das usadas nas guerras tradicionais. O drone tripulado com arma letal representa a dessubjetivação do policial na ausência do corpo a corpo. É o drone do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, que vai entrar no território inimigo para matar numa guerra sem confronto”<sup>16</sup>. O drone que vai varrer o território de periferias, morros e favelas procurando alvos é nutrido por câmeras de alta definição e duvidosos algoritmos de reconhecimento facial para seleção dos alvos.

A contravigilância também opera. Em Mídia Multidão, Bentes fala da introdução do olho mecânico para monitoramento da conduta policial - tal como os Panteras Negras faziam com armas. O ‘copwhatch’ vai vigiar os vigilantes, fotografar a polícia. O recurso foi bastante utilizado na cobertura

---

15 GOMES, N. L. (2018, May 21). O Movimento Negro Educador: Saberes construídos na luta por emancipação. Speech presented at Aula Inaugural do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico Raciais do CEFET/RJ in Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

de mídia independente das manifestações ocorridas no Brasil em 2013. Naquelas manifestações, observamos barreiras de pessoas com câmeras fotográficas e celulares, constringendo abordagens policiais, produzindo filmes e fotos flagrantes transmitidos em tempo real pelas redes sociais.

Obviamente, há todo um debate sobre segurança que precisa ser feito a partir da utilização desses dispositivos nos territórios onde plataformas e sistemas de contravigilância são necessários para comprovar condutas inadequadas da polícia ou das Forças Armadas. No entanto, são possibilidades que se apresentam.

### **15. Algoritmos da Opressão**

Safya Umoja Noble problematiza algumas questões do capitalismo algorítmico no livro “Algoritmos da Opressão”. O livro faz uma abordagem bem específica sobre a construção de quem constrói os códigos das plataformas digitais que usamos atualmente. A publicação analisa casos em que as construções sociais interferiram na apresentação de resultados dos mecanismos de busca e de localização. Noble traz o ponto de vista de uma mulher negra no mundo da tecnologia. Revela que foi criada sabendo que opressão e racismo não são aceitáveis e contra eles teria que levantar sua voz de forma qualificada porque sua fala sofreria incontáveis tentativas de desqualificação. Sua mãe, mesmo branca, foi sua primeira professora de raça, gênero e classe e a cercou com histórias sobre o brilho de mulheres fortes, inteligentes e atrevidas. Ela fala de amor e ancestralidade e sabe que é um legado das mulheres que vieram antes dela.

### **16. Conclusão**

Esse artigo foi uma tentativa de destacar características do ativismo de Assata Shakur que podem ser incorporadas às práticas ciberativistas e também de iniciar uma conversa com autores contemporâneos que podem oferecer uma visão ampliada dos desafios postos para esse campo. Crary diz que já não fazemos distinções entre trabalho e não trabalho, entre a vida privada e a pública, entre real e virtual, entre on-line e off-line. A economia da atenção, que nos mantém acordados e funcionando o tempo todo, dissolve, na maioria de nós, a capacidade de sonhar acordado e o sono é a última barreira de resistência ao capitalismo do consumo desenfreado. Desejamos que os sonhos das mulheres negras resistam aos ataques que sofrem os valores coletivos e cooperativos e oxigenem a sociedade contemporânea de criatividade e coragem para vislumbrar formas plenas de existência.

---

16 BENTES, I. (2019, April 12). A Teoria do Drone e Contravistualidades. Lecture presented at Curso "Futuros Imediatos: Distopias e heterotopias nos cenários comunicacionais" in Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

**Bibliografia**

- BENTES, I. (2015). **Mídia-Multidão: Estéticas da comunicação e biopolíticas** (1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Mauad X.
- CARDOSO, C. P. (2014, September). **Amefricanizando o feminismo: O pensamento de Lélia Gonzalez**. Estudos Feministas, 22(3)(320), 965-986.
- CARNEIRO, S. (2003, September). **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados. v. 17 nº. 49
- CHAVES, W. D. (2015, January). **O Partido dos Panteras Negras**. Revista Topoi, 16(30), 359-364.
- DORDEVIC, J., & SHIRAKAWA, F. (2017). **Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista**. Retrieved from <https://feminismo.org.br/guia/guia-pratica-seguranca-cfemea.pdf>
- DOVE, N. (1995). **Uma Crítica Afrocentrada à Lógica de Marx**. Jornal Ocidental Dos Estudos Negros, pp. 1-12.V. 19-N.4
- FANON, F., 1952. (2008). **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador, BA: EDUFBA. Trad. Renato da Silveira
- FOUCAULT, M., 1926-1984. (2006). **Ética Sexualidade, política/ Michel Foucault** (2ª ed., 321 p. (Ditos e Escritos; V)). Rio de Janeiro, SP: Forense Universitária. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa
- GONZÁLEZ, L. (1984, August). **The Black Woman's Place in the Brazilian Society**. Speech presented at 1985 and Beyond: A National Conference in US, Baltimore. Promoted by African-American Political Caucus e pela Morgan State University
- HARDT, M., 1960, & NEGRI, A. (2016). **Bem-estar comum** (1ª ed., Epub). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- KELLEY, R., & ESCHE, B. (2018). **Black like Mao: China Vermelha & revolução Preta** (1ª ed.). Paulista, PE: Edições Vermelho à Esquerda. Trad. Thayná de Paula
- LÉVY, P. (1999). **Cibercultura** (1ª ed., Coleção TRANS). São Paulo, SP: Editora 34. Trad. Carlos Irineu da Costa
- MALINI, F., & ANTOUN, H. (2013). **A internet e a rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais (Coleção Cibercultura)**. Porto Alegre, RS: Sulina.
- REIS, M. M. (2011, August). **A diáspora e o movimento social das mulheres afrodescendentes das Américas**. Speech presented at XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais Diversidades e (Des)Igualdades in Bahia, Salvador.
- SHAKUR, A. (1988). **Assata: An Autobiography** (2016 ed.) [Edição do Kindle].